

Instituição

Associação Dia da Terra Brasil

Título da tecnologia

Jardins Comestíveis

Título resumo

Resumo

Metodologia que integra agrofloresta urbana, arte pública e processos educativos participativos para regenerar territórios, fortalecer vínculos comunitários, promover segurança alimentar e formar jovens e lideranças locais. A tecnologia transforma espaços subutilizados em ecossistemas produtivos de aprendizagem e cultura, com forte protagonismo da comunidade e potencial de reaplicação em qualquer cidade.

Objetivo Geral

Transformar espaços públicos subutilizados em ecossistemas vivos de aprendizagem por meio de uma metodologia integrada de agrofloresta urbana, arte pública e educação comunitária, promovendo segurança alimentar, regeneração ambiental, pertencimento e formação socioambiental de jovens, moradores e lideranças locais.

Objetivo Específico

- Realizar diagnóstico participativo do território com a comunidade.
- Cocriar o desenho do jardim e da Land Art com moradores e jovens.
- Implantar agrofloresta urbana produtiva em mutirões formativos.
- Oferecer oficinas de educação ambiental, agroecologia e alimentação saudável.
- Fortalecer governança comunitária para manutenção do jardim.
- Registrar e sistematizar a metodologia para reaplicação.

Problema Solucionado

A falta de áreas verdes produtivas, a baixa oferta de formação socioambiental prática e o distanciamento da comunidade em relação ao cuidado com o território são desafios presentes em muitas cidades brasileiras. Terrenos públicos ficam ociosos ou degradados, jovens carecem de oportunidades de aprendizado relacionado à economia verde, e comunidades enfrentam dificuldades de acesso a alimentação saudável e espaços de convivência segura. A tecnologia social Jardins Comestíveis surge para responder a esse conjunto de problemas ao transformar áreas subutilizadas em agroflorestas urbanas produtivas, que funcionam simultaneamente como espaços educativos, culturais e ambientais. Sua metodologia participativa fortalece vínculos comunitários, cria oportunidades de formação, melhora o ambiente urbano, amplia a segurança alimentar, gera pertencimento e ativa redes de cuidado. A tecnologia pode ser aplicada em escolas, praças, parques, centros comunitários, áreas públicas degradadas e territórios vulneráveis, oferecendo uma solução integrada de regeneração ambiental, educação e mobilização social, com resultados de curto e longo prazo.

Descrição

A metodologia Jardins Comestíveis nasce da experiência acumulada da Dia da Terra Brasil na integração entre agroecologia, arte pública, cultura comunitária e regeneração urbana. A ONG atua desde 2021 em territórios vulneráveis, desenvolvendo formações, intervenções urbanas e ações de mobilização socioambiental em parceria com prefeituras, escolas, coletivos locais e organizações culturais. Projetos já realizados em Itaquaquecetuba, Caxias do Sul e São Paulo, em duas diferentes regiões, consolidaram um conjunto de práticas que evoluíram para uma tecnologia social replicável, com resultados consistentes. A metodologia parte de um diagnóstico participativo realizado com a comunidade local, envolvendo moradores, educadores, cozinheiras, lideranças, equipamentos públicos e jovens. Esse diagnóstico identifica vocações do território, histórias afetivas, saberes tradicionais, desafios socioambientais, demandas culturais e potenciais produtivos. O processo é conduzido por meio de rodas de conversa, caminhadas exploratórias, entrevistas e encontros abertos. Essa etapa garante que o jardim responda a necessidades reais e seja apropriado pela população desde o início. Com base nesse diagnóstico, inicia-se a coconcepção do jardim, uma etapa-chave da tecnologia. Comunidade, equipe técnica e artistas definem juntos o desenho da agrofloresta, as espécies alimentares, medicinais e ornamentais, e o formato estético da obra de Land Art, criada pelo artista franco-tunisiano Jean Paul Ganem. Toda a construção simbólica e visual é pensada para fortalecer pertencimento, identidade territorial e cultura alimentar local. A implantação ocorre através de mutirões formativos, onde se aprende coletivamente a plantar, manejar, podar, compostar, restaurar solo, interpretar o desenho artístico e entender as dinâmicas ecológicas da agrofloresta. Jovens, mulheres, cozinheiras, educadores e famílias participam ativamente desta etapa, transformando o plantio em um processo educativo, afetivo e mobilizador. Depois da implantação, inicia-se a etapa de educação socioambiental continuada, composta por oficinas, vivências, trilhas formativas e

ações culturais. Os temas incluem: agroecologia, alimentação saudável, gastronomia regenerativa, compostagem, clima, biodiversidade, saúde e cultura alimentar. A ecocozinheira Cássia Cazita conduz atividades de integração entre produção do jardim e alimentação do território, fortalecendo autonomia e bem-estar. A participação comunitária se mantém por meio da governança local, criada com moradores e instituições. Grupos comunitários assumem tarefas leves de cuidado, criando rotinas de manutenção compartilhada. A ONG atua como facilitadora e suporte técnico, garantindo sustentação e autonomia coletiva. A interação da ONG com a comunidade é constante e horizontal. As decisões são compartilhadas e as informações, transparentes. A escuta ativa é parte fundamental do processo e orienta cada escolha metodológica. Indicadores e evidências colhidos em projetos já implantados mostram impacto direto: • mais de 800 pessoas beneficiadas diretamente; • participação majoritária de mulheres e jovens; • aumento da produção de alimentos em até 100 kg/mês (Guaratiba); • regeneração completa de solos degradados; • aumento da biodiversidade local; • melhoria da sociabilidade e redução de conflitos em áreas públicas; • fortalecimento da autoestima e do pertencimento; • formação de multiplicadores locais; • continuidade autônoma dos jardins após implantação. A sistematização contínua inclui relatórios, registros fotográficos, vídeos, mapeamentos e ferramentas participativas. Cada nova implantação aprimora a metodologia, garantindo sua replicação em múltiplos contextos. A tecnologia já demonstrou ser simples, de baixo custo relativo, fortemente mobilizadora e altamente efetiva em territórios urbanos.

Recursos Necessários

A implantação de uma unidade da Tecnologia Social Jardins Comestíveis exige um conjunto de recursos materiais, humanos e operacionais que garantem a criação, ativação e consolidação do jardim agroflorestal em espaço urbano. Entre os recursos materiais estão: ferramentas agrícolas (pás, enxadas, ancinhos, carrinhos de mão), equipamentos de irrigação, mangueiras, bombas e caixas d'água; insumos para regeneração do solo (composto, biomassa, adubação orgânica, cobertura morta); mudas alimentares, medicinais e ornamentais; sementes crioulas; infraestrutura leve (tutorias, madeira tratada, cordas, placas de sinalização, QR Codes, lambi-lambi educativo); material gráfico e pedagógico para oficinas; e equipamentos de registro audiovisual. Do ponto de vista de equipe, são necessários profissionais como: coordenação geral, agrofloresteiros/permacultores, arte-educadores, educadores ambientais, ecocozinheira para atividades de cultura alimentar, designer/diagramador, facilitadores de participação comunitária, equipe de logística e de comunicação. A participação comunitária em mutirões é parte fundamental da metodologia, reduzindo custos e aumentando engajamento. Também são necessários recursos para formações, eventos de mobilização, deslocamentos, reuniões comunitárias, produção de conteúdo e materiais de comunicação, além de seguros, EPIs e suporte operacional.

Resultados Alcançados

A implantação dos Jardins Comestíveis em diferentes territórios produziu resultados sociais, ambientais e educativos comprovados. Ao todo, mais de 800 pessoas foram beneficiadas diretamente, entre jovens, educadores, cozinheiras, famílias, agricultores urbanos e lideranças comunitárias. Indiretamente, estima-se um alcance superior a 5.000 pessoas em atividades abertas, eventos, circulação no território e ações educativas. Nos indicadores quantitativos: • implantação de agroflorestas entre 300 m² e 3.000 m² em territórios urbanos; • produção média crescente de alimentos (entre 40 kg e 100 kg/mês após estabilização do sistema); • participação média de 40 pessoas por mutirão; • realização de mais de 40 oficinas, rodas de conversa e vivências; • engajamento de 10 a 25 jovens por território em trilhas formativas; • formação de cozinheiras locais em gastronomia regenerativa; • regeneração de áreas degradadas com aumento visível de biodiversidade. Nos resultados qualitativos — altamente valorizados pela Fundação BB — foram observados: • fortalecimento do pertencimento e da autoestima comunitária; • melhoria do vínculo entre moradores e o espaço público; • valorização de saberes locais e cultura alimentar; • envolvimento significativo de mulheres em lideranças e cuidados; • percepção de melhora da segurança e convivência no entorno; • redução de conflitos pelo uso do território; • maior interesse de escolas e jovens por temas ambientais; • sensação de "renascimento do bairro" relatada por moradores. O acompanhamento é feito por meio de: • listas de presença; • entrevistas e relatos qualitativos; • fotos georreferenciadas; • registros em vídeo; • medição de produção agrícola; • monitoramento da participação comunitária; • avaliações coletivas ao final de cada ciclo. Os resultados mostram que a tecnologia é eficaz, mobilizadora, replicável e capaz de transformar não apenas o espaço físico, mas também as relações, narrativas e vínculos de comunidades inteiras.

Locais de Implantação

Endereço:

Guaianazes, São Paulo, SP

Parque Mario do Canto, Itaquaquetuba, SP
